

## ■ Potência do Ser: o cuidado de si, o político e o comum

.....**Ludmila Guimarães**

### **Apresentação**

Este texto apresenta uma reflexão que pretende articular a potência do ser às relações entre o político, o comum e o cuidado de si a partir das noções encontradas nas obras de dois pensadores: Antonio Negri, filósofo italiano, destacadamente em sua obra *Anomalia Selvagem*, e Michel Foucault, filósofo francês, em *O Cuidado de Si*.

O objetivo principal dessa proposta consiste em interrogar sobre os caminhos, os modos da potência de ser, ou seja, compreender a partir de que formas pode se dar a liberação da vida, de sua potência de variação.

A escolha dos conceitos de político, comum e cuidado de si resultou da colheita nos campos férteis de Negri e Foucault, os quais permitem realizar essa articulação, uma vez que situam a potência do ser sob a ótica de uma concepção de constituição ontológica. Isto porque neles a potência do ser refere-se à dinâmica da constituição-produção (do ser), como uma processualidade decorrente da espontaneidade das necessidades e dos modos e práticas de subjetivação, maneiras de existir dos sujeitos no mundo.

Cabe ressaltar, portanto, que essa articulação se inscreve de um lado na direção de uma ontologia constitutiva ao estilo Spinoza-Negri, ou seja, de uma fenomenologia da prática coletiva e constitutiva, que se dirige ao comum; e de outro lado, a uma ética do cuidar de si, foucaultiana, que trata os diferentes modos de existir, os diferentes modos pelos quais na cultura ocidental os homens se tornam/constituem sujeitos.

A tarefa que empreendemos representa apenas uma pequena reflexão diante da vastidão de possibilidades e implicações que tais conceitos permitem tratar.

A motivação para escrever este trabalho não foi a de apresentar uma leitura sobre um episódio, acontecimento, fato passado ou recente à luz dos conceitos aqui tratados; não se trata, portanto, de uma análise dirigida a um propósito

específico, apesar de consentirmos que tais conceitos podem contribuir para a realização de tal propósito.

Tampouco se trata de uma motivação ingênua. Ela está relacionada à tentativa de recuperar e ampliar em tempos de homogeneidade estéril os caminhos que apostam na liberação humana, claro que não em sentido amplo e irrestrito, supranatural, mas nos limites da vida humana. Trata-se de evocar a potência das possibilidades do homem de existir, de construir seus modos de vida, de produzir e cuidar de si e dar conta da alteridade própria e alheia.

E neste sentido apostamos na necessidade de recuperar/rediscutir uma importante produção da constituição humana, a imaginação – a imaginação que se coloca em ação, em movimento contínuo, o ser do homem que se produz, o ser que constrói e escolhe seu porvir – que é o fermento das mudanças.

É preciso retomar a imaginação para que a potência de transformar inicie o seu percurso. Eis o alerta de Spinoza-Negri e, para tanto, necessária é a coragem de ser sujeito, de praticar novas formas de existir, como nos ensina Foucault.

### **Anomalia Selvagem – imaginação material e coletiva: o lugar do político e o comum**

A obra *Anomalia Selvagem* é um livro sobre Spinoza, escrita e pensada por Antonio Negri enquanto esteve nas prisões de Rovigo, Rebibbia, Fossombrone, Palmi e Trani, no período de doze meses, de 7 de abril de 1979 a 7 de abril de 1980.

Não à toa, portanto, a produção desta obra constitui-se para o autor, como “uma experiência de incrível frescor revolucionário” (NEGRI, 1993, p.15). Não é difícil de entender a motivação de Negri para produzi-la, já que se trata dos *anni di piombo*<sup>74</sup>, uma época de lutas e confrontos políticos marcados também pela violência.

*Anomalia selvagem* constitui então, além de uma leitura de Spinoza, tanto a busca do político spinozista como antítese histórica do capitalismo e tradição antijurídica para o fortalecimento do materialismo revolucionário, quanto o retorno da diferença que funda o porvir, o horizonte do ser, bem como as noções de comum na teoria spinozista. Eis o caminho de Negri para a liberação, a emancipação e transição almejada.

---

74 Anos de Chumbo. Em italiano *anni di piombo*. Período de turbulência sócio-política na Itália, que durou do final dos anos 1960 até o fim da década de 1980.

Em seu longo e denso percurso, o pensamento de Negri junto com Spinoza vai se opor a um dever-ser, à mediação e à finalidade, instituídos no modo de produção capitalista, bem como à tradição jurídica de Hobbes, Rousseau e Hegel.

Para tanto Negri vai se valer de um pensamento que se coloca no mundo como imaginação material, entendimento, cuja substância é a composição física dos corpos que constitui o fundamento e a base da constituição política dos homens. Para Ele é essa base composta fisicamente dos corpos que é a potência da substância, que se volta para os modos de ser e produzir os quais servem de horizonte do ser. Mas, o que isto quer dizer?

Spinoza concebe a individualidade em três dimensões (DELEUZE, 2009, p. 181): composição, potência e modo, ou seja, o indivíduo como sendo relações, que pode ser designado de composição, e uma vez sendo relações, todo indivíduo tem uma composição entre eles; que cada coisa tende a perseverar em seu ser, tender até um limite, isto é, a potência; e um modo muito particular, um modo que se poderia chamar modo intrínseco.

Para Negri (1993, p. 9): “Os corpos e as almas dos homens são forças (...) forças que se definem por relações entre uma infinidade de partes que compõem cada corpo, e que já o caracterizam como uma multidão<sup>75</sup>; que o horizonte do

---

75 Multidão: indivíduo coletivo ou sujeito coletivo. Sujeito coletivo que se autoconstitui pela prática. Acrescentamos comentários de Marilena Chauí: “A união de corpos e a união de ânimos, constituídas naturalmente pela física do indivíduo como causa interna das ações, a união dos ânimos propiciada naturalmente pela psicologia dos afetos e a união dos corpos e ânimos determinada naturalmente pela lógica das noções comuns como convivência entre as parte de um mesmo todo, permitindo a sua concordância quanto ao que lhes é útil, fazem com que a reunião dos direitos (os numerosos indivíduos como participantes que apenas compõem um todo) se torne a união dos direitos (a causalidade comum dos constituintes para obtenção de um mesmo efeito). Essa união não é uma passagem do menos ao mais, não é algo meramente quantitativo, mas sim é a criação de uma potência nova, a *multidão*, origem e detentora do *imperium*. O *imperium* é a potência da massa unida como se fosse uma única mente e a multidão, o indivíduo coletivo singular, consoante a definição da individualidade (união dos componentes para uma ação única que os transforma em constituintes de um todo) e da singularidade (existência finita na duração, portanto, acontecimento). O *imperium*, “direito definido pela potência da massa”, é a ação coletiva ou a potência coletiva que se organiza como *civitas* ou *res pública*”. (CHAUÍ, 2003, p. 163, 164). “De fato, com a Ética, o filósofo dispõe dos elementos para formular a idéia do sujeito político como união de corpos e mentes que constituem um indivíduo coletivo, a multidão, cujo direito natural é o direito civil.” (CHAUÍ, 2003, p. 165). “Nessa perspectiva, a percepção da utilidade da cooperação leva os homens a unir forças e visto que o estado de Natureza não é contrário às lutas desencadeadas por ódio, vingança, cólera, ambição, inveja e que nele a relação entre os homens é de pura força, a cooperação pode ser destruída a todo o momento, se não houver a decisão dos indivíduos de pactuar para transferir à coletividade ou à

ser se realiza a partir de encontros segundo relações e elementos de socialização da vida humana. Ou seja, que as forças dos homens, seus corpos são capazes de produzir modos e formas de existir, de se relacionar, são forças constituintes, potentes, e que tais forças são inseparáveis de uma espontaneidade e produtividade que não necessitam de mediação (ou de apropriação) para o seu desenvolvimento.

Portanto, o horizonte do ser é o lugar da constituição política e da emancipação. “A relação entre ser, produção e constituição é a dimensão do porvir” (NEGRI, 1993, p. 287). Este horizonte do ser tem sua potência na imaginação coletiva e sua base constitutiva na espontaneidade das necessidades da multidão, cujo movimento é constituição-produção ao mesmo tempo de ação-conteúdo, positividade, afetos, expressão e gestão da potência.

A imaginação como faculdade espiritual constitui o ser e os encontros das forças, dos corpos e das almas em seus diferentes modos de viver, existir, faz emergir a potência coletiva cujas partes se encontram na multidão.

Em Spinoza-Negri a causa produtiva é imanente, transparente e direta do mundo, da multidão, não necessitando de mediação. É da imaginação coletiva, da multidão, da potência dos corpos que surge a constituição-produção do comum e as noções comuns que mobiliza e faz circular.

A potência do ser enquanto horizonte do ser só poder ser enquanto forma dinâmica e força da multidão com seus desejos, afetos, lutas e práticas políticas coletivas.

Portanto, a anomalia constitutiva é que ela começa na diferença que é imanente a cada ser e depois vai para a multidão, isto é, para o conjunto das singularidades, formando uma “identidade” composta de elementos que por sua vez inscrevem-se como Uno. Assim, o que torna os seres iguais é a característica de diferença entre si; diferenças quantitativas, diferenças qualitativas do modo de existir, mas não diferenças hierárquicas.

Spinoza insiste no conceito de uma multidão que é conduzida por uma só alma.

---

sociedade sua potência natural ou seu direito natural, delegando à potência coletiva o direito de arbitrar e dirimir conflitos, obrigar os indivíduos a obedecer às leis e empregar tanto a lei como a espada para vingar injúrias cometidas entre os membros da coletividade.” (CHAUÍ, 2003, p. 165). “Espinosa não só pode manter a idéia, desenvolvida no Teológico-político, da utilidade da cooperação e da união de forças, mas sem precisar recorrer à idéia de pacto, como ainda pode oferecer os fundamentos dessa cooperação, graças à teoria das paixões e dos desejos alegres, isto é, dos afetos que fortalecem o *conatus*, de tal maneira que a percepção dos demais homens semelhantes e da utilidade de cada um deles e de todos para o fortalecimento do *conatus* individual explica que constituam a multidão e instituem o corpo político”. (CHAUÍ, 2003, p. 165).

## O Cuidado de si – modos de subjetivação e as lutas

Com a obra *O Cuidado de si*, livro da trilogia *História da Sexualidade*, Michel Foucault evidencia a transformação histórica pela qual o “cuidado de si” passou desde Alcebiades, de Platão, até o início dos séculos I e II da era cristã.

Para Foucault a transformação do cuidado de si influenciou as culturas posteriores, sobretudo a moral sexual europeia moderna, com o regime de apherdisia<sup>76</sup>.

O Cuidado de si é uma exposição sistematizada dos princípios que organizaram desde a época clássica, a experiência moral dos apherdisia, entendida como uma experiência greco-histórica dos prazeres, fundamento ético da moral antiga, distinta da experiência crista e da experiência moderna da sexualidade.

Ao descrevê-la diz Foucault (1995, p. 231): “Eu gostaria de dizer antes de tudo, qual foi o objetivo de meu trabalho nos últimos vinte anos. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos”.

Nesta obra destacam-se as relações subjetividade/verdade mostrando historicamente que o cuidado de si converteu-se em um verdadeiro fenômeno cultural, princípio geral de conduta racional para submeter toda forma de vida ativa à racionalidade moral. Essa racionalidade moral vai se efetivando nas inscrições da sociedade disciplinar, na emergência e consolidação do poder do Estado e suas intervenções biopolíticas sobre a vida dos homens, sobredeterminando os modos de constituição da sua vida, de seu existir no mundo.

Foucault retoma a existência na antiguidade clássica para nos demonstrar que os valores de existir são uma produção humana temporânea e não uma ex-temporaneidade. Portanto, eles devem ser elucidados sob a ótica de uma produção histórico-política, qual seja, a dos modos de ser sujeito.

Os modos e maneiras de existir uma vez ligados à produção de valores, só podem ser pensados em sua dimensão constitutiva, que, por conseguinte, só pode ser a da política. Mas, o que significa um cuidado de si da ordem do político?

O cuidado de si em sua trajetória política se relaciona à dimensão ética, qual seja, a da possibilidade de escolha do sujeito de certos valores que o conduziriam ao governo de si e dos outros por um caminho que consistia em um “compromisso de construir uma vida para si e para os outros pautada em fazer da vida um objeto para uma espécie de saber, uma técnica, uma arte”. Portanto, a

---

76 Busca do prazer que dá ao homem uma maior liberdade.

vida como uma construção de si, de uma escolha feita pelo indivíduo para a sua própria existência.

Essa escolha como forma de viver, fruto da decisão individual espontânea, motivada pelo desejo do sujeito, implicava em disponibilidade para assumir cargos públicos, cuidar dos outros e governar a cidade.

A dimensão ética do cuidar de si colocava ao mesmo tempo o desafio de assumir uma posição política diante da própria existência e de uma construção estética.

Para tanto esse indivíduo necessitava desenvolver habilidades que o tornasse apto para a prática do cuidado de si, dos outros, do governo. O cuidado de si, como um conjunto de habilidades, atitudes e valores se constituíam condição para o exercício político. Não existia ali uma divisão entre o ser e sua prática, ambos se constituíam uma mesma substância, ligados por uma relação constituição-produção de nexos unitário.

Dessa forma desenvolvia-se “(...) uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio” (FOUCAULT, 1985, p. 234). Assim, chegamos a um tipo de existência que só pode ser compreendida como um modo de subjetivação possível.

Em uma retroação histórica, com o exemplo dos gregos, Foucault nos dará a ver que os modos de subjetivação se apresentam em diferentes configurações, as quais por sua vez cooperam para diferentes produções de vida e organização social no tempo. Ou seja, os modos de subjetivação são mutáveis, sofrem transformações e estão inscritos em um conjunto de regras facultativas e não obrigatórias.

Com este mesmo exemplo demonstrará como essas regras facultativas se transformarão em uma obrigação, introduzida historicamente pelo estoicismo, onde o cuidado de si passará a uma espécie de combate às fraquezas do eu quando associadas ao prazer e ao mal. Neste momento serão dados os primeiros passos em direção à construção dos julgamentos morais, das purificações e penitências que caracterizarão o cristianismo.

Mas, o que é importante observar no percurso histórico das transformações dos modos de subjetivação, ressalta Foucault, é a perspectiva da luta política da produção do sujeito.

A constituição-produção do sujeito se dará no terreno das

*Lutas contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou*

*contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (FOUCAULT, 1995, p. 235).*

As lutas políticas colocarão em evidência as possibilidades de resistência frente às determinações e obrigatoriedades das regras universais, bem como interrogará sobre outros modos de existir e de escapar à obediência naturalizada.

A resistência torna-se então constitutiva da produção do sujeito, uma potência necessária a outros modos de existir, os quais precisam ser colocados em circulação social. E esses outros modos de existir somente se afirmarão nas relações de enfrentamento das forças que compõem o homem: “(...) força de imaginar, de recordar, de conceber, de querer” (DELEUZE, 1988, p.132, apud MANSANO, p. 2009).

A constituição-produção do sujeito estará sempre aberta, nunca se estabilizando, processo e dinâmica de lutas e choques entre diferentes maneiras de existir que compõe o homem. O sujeito nunca estará pronto e acabado, instituído por uma essência que o determina em uma entidade pronta.

### **A Potência do Ser: diferentes modos de existir em luta**

Uma vez que o sujeito não se constitui uma entidade pronta, antes se constitui na medida em que entra em contato e enfrenta as diferentes forças em movimento, abre-se para ele as possibilidades de provisoriedade e singularidade.

O sujeito em sua provisoriedade afeta e é afetado pelas forças e ações que vive; sua dimensão de vida é processual e condicionada ao terreno das lutas com os quais se defronta.

Nessa perspectiva de análise a potência do ser é sempre um horizonte, um vir a ser que se constrói pelas lutas singulares em circulação, portanto, a constituição-produção do sujeito advém do conjunto de singularidades em movimento, designada por multidão.

Da mesma forma essa potência do ser não é um indivíduo, mas também não é sem Ele. Também a potência do ser são os corpos, os afetos, os desejos, e mais, a força de sua imaginação, cuja dinâmica é mobilizadora das transformações e motor também dos modos de subjetivação.

Os territórios subjetivos enquanto forças implicam produção viva de si em relação/encontro com o outro, cuidado e prática de si e do outro.

Pensar a potência do ser implica pensar nos modos de subjetivação em um campo complexo de problematizações da imprevisibilidade humana, onde o sujeito somente se afirma como sujeito prático.

Portanto, a dimensão política mobilizada enquanto efeito do campo de lutas das diferenças e singularidades, no qual se afirma a subjetivação, emana do conjunto de valores que as lutas e as subjetividades colocam em circulação.

Lutar, resistir, imprime no seio das coisas instituídas a marca das invenções subjetivas, atualizando a potência coletiva capaz de transformar a realidade social em seus movimentos de diferenciação e singularidade.

Essas invenções subjetivas, dimensão viva da resistência-da-existência, constituem uma potência capaz de atravessar a rede de poder-saber organizadora e permitem acolher a fabricação do comum.

## **Conclusão**

A produção das subjetividades, os modos e práticas enquanto base ontológicas das lutas e resistência constituem-se em lugar da política e, portanto, da constituição do comum enquanto possibilidade de transformação da realidade social.

Mas, o comum não surge de uma produção indiferenciada ou produção de um discurso homogêneo; ao contrário, surge justamente da potencia da diferença em ação, em circulação social, como dinâmica das lutas e resistências que se põem em marcha para defender a diferença de existir face à pretensão de universalização das regras.

O comum para existir necessita da diferença como componente intrínseco, elo atávico para que a potência se libere. Assim, as forças das trocas vividas e experimentadas nos encontros de imaginação, afetos, querereres, recordações, concepções no terreno das lutas possibilitam a construção coletiva viva, o comum.

A construção do comum somente é produzida na partilha e aceitação das diferenças de si e dos outros, de valores e crenças em enfrentamento, em um movimento sempre aberto que instiga o sujeito em sua dimensão constitutiva a se interrogar, rever e modificar constantemente, bem como a perturbar e enfrentar o instituído.

A característica principal da constituição-produção do sujeito ou dos modos de subjetivação é seu caráter mutante; pois, somente pela mutação a potência do ser se mantém viva e possibilita a emergência e convivência de diversos diferentes.



Assim, os modos de subjetivação são constitutivamente políticos tal como seu produto – o comum. Eis a Anomalia Selvagem, essa potência incontrolável do ser, que como a força das águas atravessa os obstáculos e surge sempre renovada.

## Referências

- CHAUÍ, M. *Política em Espinoza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza*. Ceará: EdUECE, 2009. (Coleção Argenteum Nostrum)
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 3*. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.8, n.2, p.110-117, 2009.
- NEGRI, A. *A Anomalia Selvagem: poder e potência em Spinoza*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

■..... Ludmila Guimarães é doutoranda em Ciência da Informação no PPGCI-UFRJ/IBICT, Coordenadora Adjunta de Educação a Distância na UNIRIO e docente da Escola de Biblioteconomia da mesma instituição.